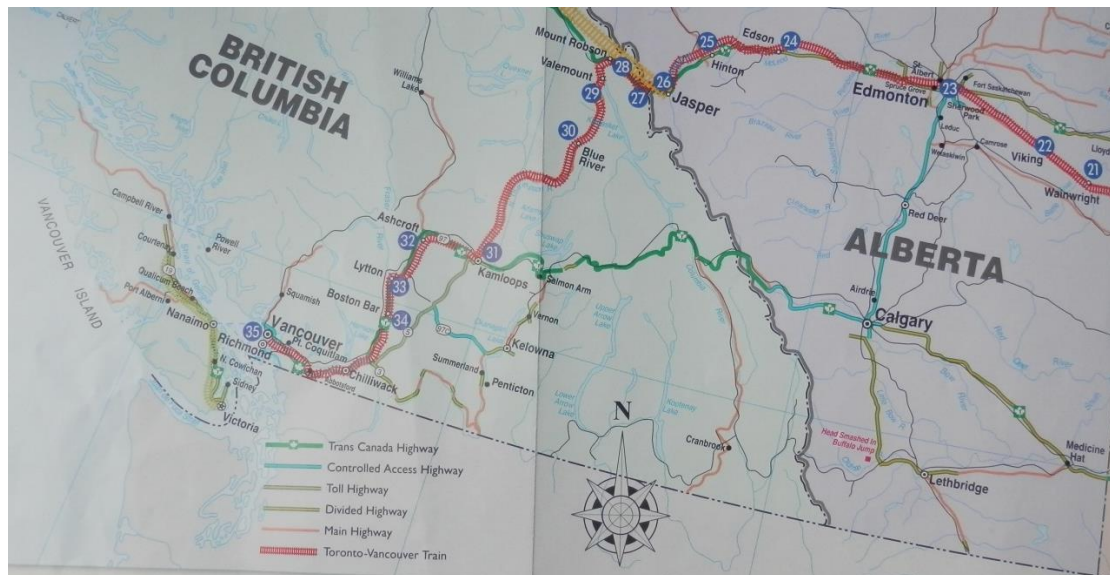




A TRANSCANADIANA
DIÁRIO DE BORDO 3

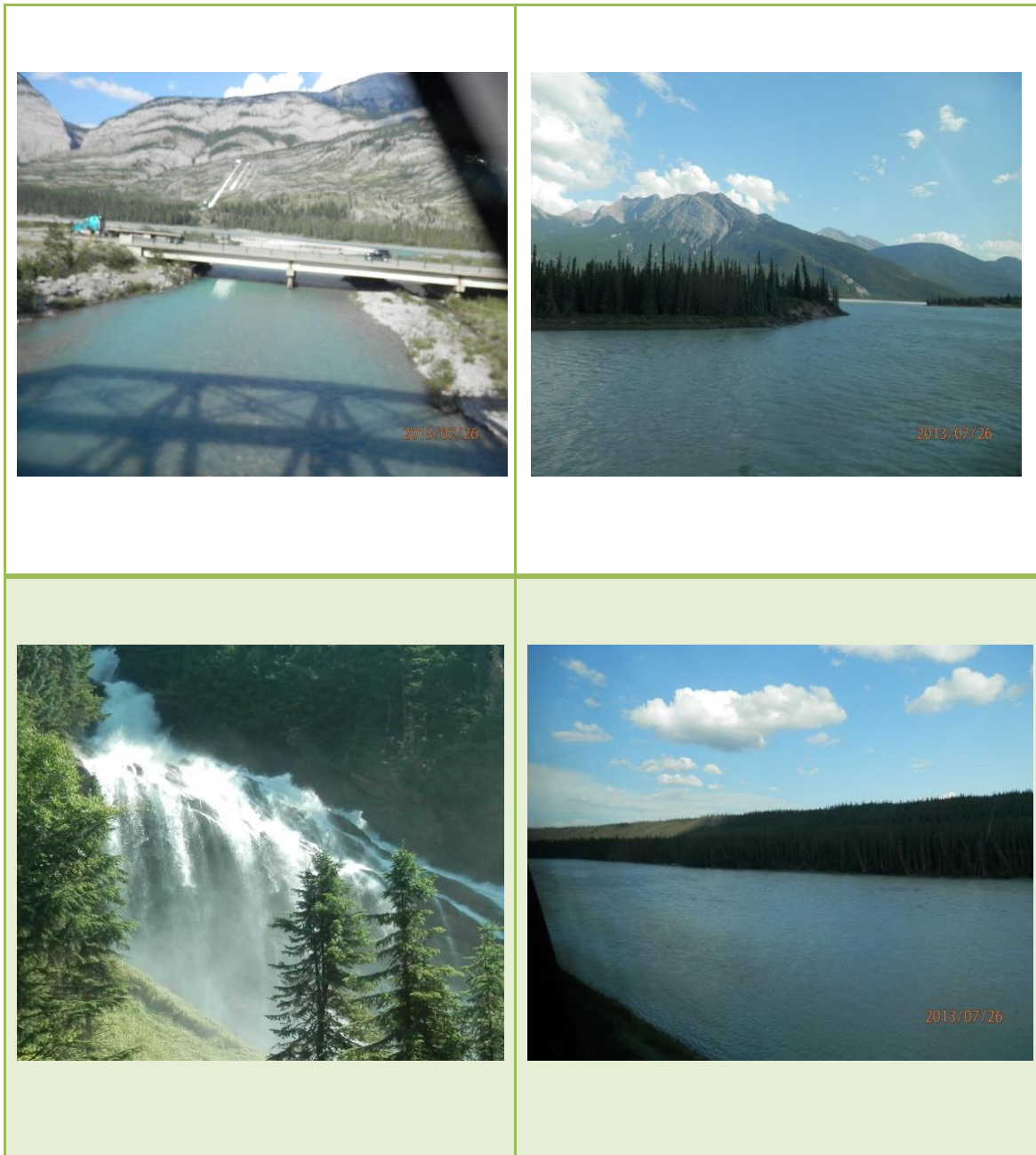
Após passarmos pelas Províncias British Columbia e Alberta, chegamos à metade do percurso da Transcanadiana. Fizemos um trajeto de sudoeste para nordeste, saindo da Costa Pacífica e alcançando o trecho mais setentrional da ferrovia, como se vê no mapa.



Acho que já está de bom tamanho para se fazer uma primeira avaliação desta viagem e deste território; afinal, este diário de bordo não tem qualquer compromisso com precisão científica e tem apenas a finalidade de registrar impressões, nada mais que impressões.

O que mais se destaca, para mim e para o Eliseu, é a quantidade de água que o Canadá tem. São rios caudalosos e algumas centenas de lagos, alimentados pelas águas do degelo e que, por isso, neste período, estão plenos de vida. Há, ainda, muitas baías e golfos, que marcam um litoral entrecortado e extenso, afinal o país é banhado por grandes superfícies de água. Ao norte – Mar Glacial Ártico, a leste – Oceano Atlântico, a oeste – Oceano Pacífico e, como se fosse pouco, os cinco Grandes Lagos na fronteira centro-leste com os Estados Unidos.

Se eu tivesse que escolher duas cores para representar o Canadá, trocaria o vermelho e branco da bandeira, por azul e branco, em alusão a toda a água que este país tem.



Na passagem pelo limite, que aqui eles chamam de fronteira, entre as regiões e províncias de Saskatchewan e Manitoba, entramos em novo fuso horário. Agora já estamos a duas horas de diferença em relação ao Brasil. No começo da viagem, em Vancouver, estávamos a quatro horas, visto que, não fosse o horário de verão no

Canadá, nossas diferenças seriam cinco horas na Costa Pacífica e uma hora na Costa Atlântica.

Na Região de Manitoba, dois grandes lagos – Manitoba e Winnipeg – dominam a paisagem, mas passamos ao sul deles, sem chegar a ter uma visão maior desta extensão aquática que é gigantesca, pelo que vejo no mapa, para chegar à cidade de mesmo nome – Winnipeg – que é a capital da província.

É uma cidade de 630 mil habitantes, a maior de nosso percurso, excetuando-se as de partida e chegada – Vancouver e Toronto. Sua importância deve-se à sua situação geográfica estratégica na junção dos rios Red, Assiniboine e Seine. Era, originalmente, uma encruzilhada importante para os negócios no país, visto que está a meio caminho entre os dois oceanos. Hoje, é um centro importante com desenvolvimento industrial.

A proximidade de Winnipeg é muito alardeada pelos alto falantes do trem. Todo mundo começa a se preparar, alguns vão desembarcar, inclusive, porque há uma ferrovia que sai desta cidade na direção norte, até a cidade de Churchill, ao norte, nas margens da baía de Hudson. Outros, como nós, desejam apenas esticar as pernas, acessar a internet, ver gente andando para lá e para cá.

A movimentação grande dentro do trem, também, é resultado de que, nesta cidade, a tripulação é substituída. Descem todos os que vieram trabalhando desde Vancouver e nova equipe entra em ação. Nossa atendente Stéphanie está impaciente para arrumar as cabines e deixar tudo pronto antes de desembarcar. Nathalie, a maîtresse (parece mais xerife) simpática do restaurante, está apressada para terminar o serviço do jantar que, hoje, foi servido às 17 e 18h30 (duas turmas) em função da chegada por volta de 21h00 em Winnipeg. Nosso garçon também deixa o trabalho aqui. Desde o primeiro dia, estávamos em dúvida se ele era descendente de alguma nação indígena ou chinês, em função dos olhos amendoados e da pele muito morena. Não resistimos e, ao perguntar, soubemos que ele é descendente de uma família que veio do Laos, mas ele é canadense. Representa, assim, boa parte da nova juventude deste país.

Entre os passageiros, alguns que nos acompanhavam desde a partida estão prontos para descer. Entre eles, o que supomos seja um casal homoafetivo que deve ter entre 45 anos, o mais jovem, e 55 anos, o mais velho. Compartilhamos a mesa do jantar com eles numa das noites e, como eram francofônicos, ficamos imaginando que são da Costa Leste... Brindamos quando chegaram as taças de vinho, mas nada conversamos durante a refeição, porque eles não paravam de olhar para as paisagens pelos grandes janelas do restaurante.

Outros grupos haviam deixado o trem antes, em Jasper, como a alegre e barulhenta família de oito pessoas de Balneário Camboriú, com que estivemos conversando em vários momentos. A senhora, mais velha de todos, contou-nos que era descendente de alemães que viviam em Rio do Sul - SC, onde ela nasceu, mas seu marido pedreiro foi convidado a ir trabalhar no balneário, quando ele estava começando a ser verticalizada há mais de quarenta anos. A família foi crescendo com a cidade e eles puderam fazer um pequeno patrimônio. O que chamou atenção foi o número de países que eles conhecem, sempre viajando em função do fato de seus filhos e, agora, seus netos, pertencerem ao movimento escoteiro.

Também, em Jasper, desceram dois casais de indianos que ocupavam a cabine ao lado da nossa. Pelas vestimentas e joias, imagino que são vaixás, os comerciantes na Índia que, na estrutura de castas, estão abaixo dos brâmanes (sacerdotes) e dos xátrias (guerreiros). Como já havia notado quando estivemos na Índia, aqueles que pertencem às castas mais elevadas têm um ar altivo em demasia para o meu gosto. Os quatro não tinham atitudes simpáticas com ninguém no trem e somente se relacionavam entre si, apesar do excelente inglês que ajudaria muito a comunicação.

No geral, os passageiros são canadenses ou estadunidenses em férias. Cada um que nos pergunta de onde somos, ao ouvirem a resposta, reagem: Ah! Brasil, com um sorriso de simpatia e fazendo, imediatamente, alusão ao fato de que vamos sediar a Copa do Mundo e, depois, as Olimpíadas. Duas senhoras da Austrália lembraram que o Papa estava no Brasil.

Como a cada refeição temos partilhado a mesa com uma ou duas pessoas, temos tido a oportunidade de conversar um pouco e conhecer os perfis destes viajantes.

Por duas vezes, estivemos com professores. Primeiramente, um casal mais velho do que nós, ele professor de física e ela professora de alunos portadores de deficiência auditiva. Ambos trabalhavam na escola básica. Ela simpática, curiosa, com seus olhinhos azuis brilhando muito, falava sem parar. Ele mais comedido, mas curioso em relação ao que fazemos na universidade no Brasil. Quando explicamos a natureza do nosso trabalho, ele ficou muito interessado e pareceu uma reação do tipo: Nossa, no Brasil, também tem universidades em que se fazem tantas coisas!

No dia seguinte, estivemos com um professor de História que mora em Minneápolis, Estado de Minnesota, nos Estados Unidos. É um rapaz bem gordinho, com seus trinta e poucos anos (lembra muito o ator John Philip-Seymour), que travou um diálogo interessado conosco. Disse que tinha muita curiosidade, como historiador, sobre o Período Imperial brasileiro, e acabou lembrando o nome de Dom Pedro. Perguntamos a opinião dele sobre Barack Obama e ele fez todo um conjunto de comentários bem cuidadosos, elogiando a oratória do presidente e os avanços obtidos no sistema de saúde, mas lamentando as dificuldades de diálogo entre democratas e republicanos.

Em outra manhã, conhecemos uma jovem canadense que acaba de terminar o curso de Direito e, estando ainda desempregada, resolveu fazer várias viagens antes de começar algum trabalho. Toda educada, ela parecia uma jovem da primeira década do século XX, apesar das roupas modernas, porque tinha uma forma toda educada de lidar conosco.

Havia, no trem, muitos casais na faixa de idade entre 50 e 80 anos. Vários deles em grupos de quatro ou seis pessoas. Havia, também, famílias de oito ou dez pessoas, em que estavam os pais idosos, filhos e netos. Chamou atenção a presença de três mulheres que viajavam sozinhas e que acabaram partilhando o papo entre si e com um rapaz que, se bem observei, era o único desacompanhado do trem e se comportava com se fosse conquistar todas elas (não sei se simultânea ou sucessivamente). Uma delas tinha uma forma comportada de ser e pouco falava, além de “Good morning”. A outra, de origem asiática, que deve ter menos de 25 anos, desfilou seu guarda roupa de tons juvenis e super apropriados para o alto verão, enquanto no trem todo o tempo fazia frio por causa do ar condicionado. A

terceira, com cabelos cor de fogo e perto dos 50 anos, era toda exótica, no seu jeito de se vestir e se comportar, passando sempre a imagem de que estava disposta a viver qualquer experiência que aparecesse por ali!

Deixando um pouco de lado os passageiros, volto a Winnipeg para contar que, ao nos aproximarmos da cidade, pudemos perceber a paisagem de um aglomerado urbano importante – muitos prédios altos, um centro comercial grande, instalado num antigo edifício industrial, ao lado da Estação Ferroviária, muitas indústrias e depósitos.

Ficamos, entretanto, parados cerca de uma hora a algumas centenas de metros da estação, num pátio em que, ao nosso trem, foram acoplados outros vagões. A espera deixou todo mundo impaciente – tripulantes e passageiros – e, por fim, por causa deste tempo que levou a operação, houve diminuição do tempo na Estação de Winnipeg, onde, inicialmente, haviam dito que teríamos uma hora e meia. Este é um aspecto que demonstra certa desorganização do trabalho no trem. As paradas e o tempo destinado a cada uma delas não ficam claros para os passageiros e isso cria expectativas e incertezas. Afinal, a viagem é longa e essas pausas são bem vindas para a gente ter contato com o mundo lá fora.

Dormimos logo depois que embarcamos de novo no trem, na Estação de Winnipeg, cuja internet era de péssima qualidade e não conseguimos nos conectar para saber notícias sobre o Brasil (o que é surpreendente, num país como o Canadá). O bom da estação eram os enormes painéis com imagens da ferrovia. Aproveitei para fotografá-los, porque elas foram feitas por profissionais e registradas a partir de ângulos que eu não poderia alcançar jamais. Uma delas eu utilizei para fazer a capa do Diário de Bordo 1. As outras duas incluo neste diário de bordo.

Ao acordarmos, na sexta-feira, 26 de julho de 2013, já estávamos perto do limite entre as Regiões de Manitoba e Ontário. Esta é a mais extensa entre as que estamos percorrendo. O dia passa lentamente e quando já percorremos mais um menos 1/3 da área da Região de Ontário, cortada pela ferrovia, trocamos novamente de fuso horário e agora estamos com, apenas, uma hora a menos do que o horário de Brasília. Este é o fuso principal do país, pois nele se insere a capital, Ottawa, e três cidades

importantes, que são as que vamos conhecer depois que deixarmos o trem: Toronto, Quebec e Montreal.





Neste trecho da viagem, correspondente ao nosso terceiro dia de percurso, é impressionante a monotonia da paisagem, porque estamos há mais de 16 horas percorrendo áreas cobertas por florestas de coníferas, parte pertencente a reservas naturais, parte para exploração madeireira. Bordeamos lagos que se sucedem, entre pequenos, médios e grandes.

Passamos o dia sem ver residências, a não ser nas pequenas cidades, que estão muito distantes uma das outras.

O trem parou nas estações previstas, todas pequenas, mal se podendo imaginar o que desempenham tais cidades, em termos de funções econômicas.

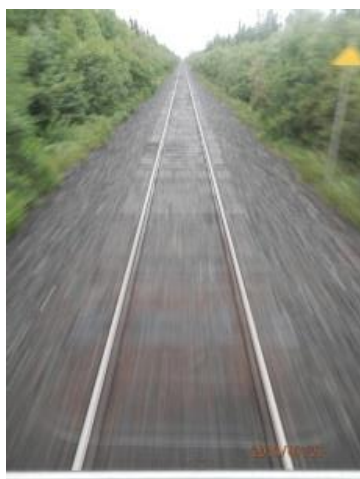
Em cada uma delas, duas ou três pessoas estão na plataforma, desce um ou dois funcionários do trem, sobe rapidamente alguém e o trem volta a andar como se estivéssemos parados no tempo!

Passamos por Sioux Lookout, com cinco mil e poucos habitantes, às margens do Lago Seul, onde se pratica a pescaria.

Foram vários e vários quilômetros até chegarmos à estação seguinte: Armstrong, com um pouco mais de mil habitantes, próxima ao maior lago no interior do Ontário – o Nipigon.

Longlac é a cidade seguinte, às margens do lago de mesmo





nome. Tem 1.750 habitantes e aqui o esporte praticado é a canoagem.

Antes de anoitecer, paramos em Hornepayne, com 1.200 habitantes que era, apenas, uma cidade de apoio ao transporte ferroviário, mas hoje também se destaca na indústria madeireira. Não é para menos, pois há horas e horas só vemos planícies cobertas por coníferas e esta longa extensão compõe o que reconheço como um *quinto domínio paisagístico*, marcado pela planura sem fim, pela cobertura vegetal muito homogênea e pela abundância de lagos de todo tamanho.

Durante todo o dia, caiu uma chuva fina, o que tornou esta paisagem ainda mais monótona, pois a falta do brilho do sol nos tira a chance de ver as múltiplas tonalidades que o verde tem. A sequência de fotos, ao lado, resulta de registros feitos a cada 10 minutos, mais ou menos, pela janela traseira do trem. Dá para se perceber que pouco ou nada se altera na paisagem

Julho de 2013

Carminha Beltrão